

UMA REFLEXÃO SOBRE A ATUAL PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM DOS JOVENS AFRODESCENDENTES DO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

Paula Márcia S. Sousa^{1}, Edson R. Andrade¹, José Eduardo Azevedo², Bianca R. R. Ferreira³ & Giulia P. Beyruth³*

RESUMO

SOUSA, P.M.S.; ANDRADE, E.R.; AZEVEDO, J.E.; FERREIRA, B.R.R., BEYRUTH, G.P.; Uma reflexão sobre a atual percepção da autoimagem dos jovens afrodescendentes do município de Campos dos Goytacazes, RJ. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.9, n.26, p.82-97, 2019.

O presente estudo tem a finalidade de realizar uma reflexão, por meio de uma pesquisa de campo, sobre o racismo ainda presente em nossa sociedade e contribuir para a construção de pensamentos sociais que valorize as diferenças e a dignidade de toda pessoa humana. O objetivo do trabalho foi realizar uma análise das concepções de identidade dos jovens negros de Campos dos Goytacazes-RJ acerca de si mesmos. Para isso, foi utilizado como metodologia a pesquisa de campo e a técnica quantitativa. O objeto do estudo realizado com a juventude negra é a compreensão da percepção que esses sujeitos têm sobre si no que diz respeito a sua autoestima e autoimagem. Os resultados demonstraram que o preconceito racial constrói mais segregações na sociedade; dificulta o convívio social entre pessoas de etnias diferentes; reflexões críticas são evitadas; e, como consequência dessas ações, a inclusão social fica prejudicada. Os estigmas apresentados nessa esfera geralmente são: culpabilidade individual; deformidade física; os preconceitos e rejeição de raça e cultura. As pessoas padronizadas como sujeitos normais dentro da sociedade passam a se unirem em grupo e ditarem regras

comportamentais que devem ser obedecidas por todos da sociedade, que acabam sendo consideradas padrões sociais de convivência. Assim, os sujeitos que não seguem esses padrões são estigmatizados. Por isso, a convivência de pessoas estigmatizadas com as ditas “normais”, onde não haja entre essas relações possibilidades de questionamentos, pode gerar a baixa estima de um grupo, assumindo e concordando com a sua condição de inferioridade criada por outro grupo eleito como superior. Conclui-se que o preconceito é construído pelas gerações e passado entre elas necessitando de ações concretas que envolva a sociedade atual, para que percebam e reflitam sobre as atitudes preconceituosas e discriminatórias existentes na atualidade e como esses acontecimentos se perpetuam caso não enfrentado. Dessa forma, devido ao preconceito enraizado e vivido ao longo da história, inclusive, no município de Campos dos Goytacazes/RJ, esta rejeição racial exerce grande influência na autoimagem e autoestima dos jovens afrodescendentes negros, como também contribui para que esse grupo, muitas vezes, não se sinta pertencente ou representado na sociedade.

Palavras-chave: Identidade; Preconceito; Jovens Negros; Psicologia; Empoderamento.

ABSTRACT

The purpose of this study is to reflect, through field research, on the racism still present in our society and to contribute to the construction of social thoughts that value the differences and dignity of every human being. The objective of this work was to analyze the identity of young black people from Campos dos Goytacazes-RJ about themselves. For this, field research and quantitative technique were used as methodology. The object of the study with black youth is the understanding of the perception that these subjects have about themselves regarding their self-esteem and self-image. The results showed that racial prejudice builds more segregations in society; makes social life difficult for people of different ethnicities; critical reflections are avoided; and as a consequence of these actions, social inclusion is impaired. The stigmas presented in this sphere are usually: individual culpability; physical deformity; prejudice and rejection of race and culture. People who are standardized as normal subjects within society come together in groups and dictate behavioral rules that

must be obeyed by everyone in society, which ends up being considered social standards of coexistence. Thus, subjects who do not follow these patterns are stigmatized. Therefore, the coexistence of people stigmatized with the so-called “normal”, where there is no possibility of questioning between these relationships, can generate the low esteem of a group, assuming and agreeing with their inferiority condition created by another group elected as superior. It is concluded that prejudice is built by the generations and passed between them needing concrete actions that involve the current society, to understand and reflect on the prejudiced and discriminatory attitudes that exist today and how these events perpetuate if not faced. Thus, due to the rooted prejudice and lived throughout history, including in the city of Campos dos Goytacazes / RJ, this racial rejection has a great influence on the self-image and self-esteem of young black African descendants, as well as contributes to this group, often , do not feel belonging or represented in society.

Keywords: Identity; Prejudice; Young African-Brazilian; Psychology; Empowerment.

¹ Pesquisadores do Laboratório de Estudos Fenomenológicos – NEFE/ISECENSA, Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA - Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil.

² Pesquisador nas Faculdade Integradas Campos Salles/São Paulo.

³ Alunos(as) do Programa Voluntário de Iniciação Científica-PROVIC Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA - Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil.

(*) e-mail: paulamseabra@yahoo.com.br

Data de recebimento: 23/10/2019. Aceito para publicação: 11/11/11

1. INTRODUÇÃO

A formação do sujeito perpassa pela experiência da constituição da identidade que não tem fim, muito pelo contrário, se edifica com o passar dos anos e também com a troca de vivências no meio. Para Silva (2000), a identidade das pessoas não é uma essência, nem um dado, tampouco fixa, estável, centrada, unificada, homogênea ou definitiva; assumindo um papel de uma construção, um efeito, um processo de produção e um ato performativo. Construir a autoimagem é exercitar a autenticidade, buscando uma plenitude na vida, ignorando assim a imagem preconcebida que o meio social impõe. Assim, a autoimagem assume um papel único e singular da ideia que o sujeito constrói de si mesmo.

Pinto; Ferreira (2014) argumentam que é rotineiro as pessoas se referirem à identidade de outros de maneira categorizante, sobretudo quando se reportam as pessoas negras, hierarquizando os sujeitos conforme as características raciais de cada um, tendo como parâmetro a cor da pele somente, dividindo em negros ou brancos. Assim, os autores alegam que se alcançar uma compreensão da maneira como essas classificações geram problemas sociais é necessário entender como as pessoas negras se constitui na sociedade, como constroem sua autoestima e autoimagem e como é a sua maneira de existir no mundo.

Segundo Candau (2008), as pessoas propendem a um olhar estereotipado e homogeneizador de si mesmas, onde a identidade cultural é na maioria das vezes, visualizada de maneira natural. É relevante desnudar esta realidade e propiciar uma visão mais plural das identidades culturais.

Aquilo que as pessoas são é resultado da formação da identidade cultural. Segundo Moreira (2008), a identidade vai sendo construída ao longo da vida, por meio das interações com os distintos grupos na qual se vive. Fernandes e Souza (2016, p. 106) definem identidade

algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade. Ou seja, “o sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais provindas dos outros” (NASCIMENTO, 2003, p. 32). Assim, a identidade é sempre construída em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros.

O preconceito e a discriminação, nas diversas instituições da sociedade e também em cada indivíduo que pratica esta ação, provocam sofrimento em suas vítimas, não só físicas, mas também psíquicas e emocionais (MARTINS; SANTOS; COLOSSO, 2013). Os negros brasileiros estão predispostos, segundo evidências, a sofrerem racismo bem como, os seus meios de vivência no decorrer do tempo e de sua história de vida (BIANCHI et al., 2002; GUIMARÃES, 2003).

Maheirie considera a formação da identidade um processo dinâmico, contínuo de construção e desconstrução:

A identidade, em uma perspectiva social, é realizada no espaço das relações, tratando-se de um processo dinâmico, ou seja, [...] um processo contínuo de construção e desconstrução, na ambiguidade presente e inevitável que a compõe, implicando um trabalho de unificação de diversidade, incorporando a diferença (MAHEIRIE, 1994, p. 65).

Desse modo, segundo a perspectiva de Pinto e Ferreira (2014) a identidade é efetivamente importante para compreender como o sujeito é construído socialmente, pois essa formação gera influência direta na forma de existir e, conseqüentemente, no modo como se vê, se sente e se valoriza. Assim, é de extrema importância analisar a formação de identidade dos sujeitos negros na vida social, pois somente dessa forma é possível desenvolver ações significativas que possam contribuir para uma formação de pessoas negras mais livres de estigmas, que se autorreconheçam com valor social e que tenham uma autoestima mais saudável.

Argumenta Pinto; Ferreira (2014) que ainda existe uma dificuldade nas pessoas que se identificam como negras, muitas vezes, deparando-se com contradições em suas próprias identidades, sentindo-se oprimido nesse processo de autorreconhecimento, o que pode acarretar uma negação de si mesmo e de suas características, como cor e aparência. Assim, os mesmos autores alegam que esse fato ocorre devido a sociedade ainda sustentar uma ideologia de que o padrão social ideal a ser atingido é o ser branco, endossando a luta para que esse modelo possa ser alcançado.

A identidade estereotipada sob o negro refere-se a algo forjado socialmente, com intenção de inferiorizá-lo. Na sociedade brasileira, essa identidade existe desde o período colonial, em que se tinha uma inferiorização do corpo negro, que foi um dispositivo usado pelo regime escravista, para explicar a reificação do homem negro e ocultar as metas econômicas e políticas (AZEVEDO, 2018).

Tanto a identidade atribuída ou a auto atribuição, são construídos a partir de um contexto social, cultural e político. Então, a identidade atribuída é aquela dotada de caráter essencializador, conforme as relações de poder estão entrelaçadas na essencialização, do que é ser negro. Ao contrário da identidade auto atribuída, a identidade negra, não se caracteriza em uma essência, mas em um posicionamento (AZEVEDO, 2018).

Ressalta-se a relevância da socialização inicial do sujeito negro na construção da sua identidade, pois caso a família e os responsáveis desse sujeito tiverem internalizados aspectos negativos referentes ao seu grupo racial, com muita frequência e de maneira aparentemente natural, irão transmitir tais valorações negativas aos seus filhos, não refletindo com eles sobre a sua maneira de existir na sociedade, acabando por favorecer a perpetuação de estereótipos negativos, estigmas e preconceitos sobre a pessoa negra (PINTO; FERREIRA, 2014).

Schucman (2012) fala que os grupos sociais não trazem com si uma essência branca, mas sim categorias que podem ter um novo sentido, serem ressignificadas de acordo com as instâncias do contexto social.

Segundo Goffman (1988) o termo estigma deriva da palavra grega *stigma* criado na Grécia Antiga para definir sinais corporais para identificar alguma característica que deveria permitir a identificação de forma a segregar essas pessoas do convívio com a sociedade dita normal. Assim, criminosos, traidores, escravos ou portadores de doenças eram marcados com cortes ou com fogo, o que permitia a imediata identificação e segregação. Assim, “o convívio obrigatório das pessoas estigmatizadas com as ditas “normais”, podem levar a baixa estima e por vezes assumir e concordar com a condição de inferior, levando a depressão ou a outros estados patológicos” (FERREIRA et al., 2019, p. 01).

A sociedade categoriza as pessoas de acordo com os atributos e valores que lhe permitem definir aquela pessoa como normal, o que viabilizara esta pessoa ser aceita ou não entre os membros da mesma classe. Conforme Goffman (1988), essa atitude é chamada de identidade social de um indivíduo. Desta forma, quando as pessoas são apresentadas a um indivíduo, projeta-se nela uma identidade social virtual, ou seja, espera-se que ela tenha qualidades nas quais passam a ser consideradas como normais para o grupo.

A categoria raça é distintiva de uma diferença social percebida como imediata e, em geral, implica a atribuição de estereótipo e identidade. Ao lado de gênero e classe social, ela é uma das categorias que constituem, diferenciam, hierarquizam e localizam os sujeitos em nossa sociedade (SCHUCMAN, 2012 *apud* MARTINS; SANTOS; COLOSSO, 2013, p. 120).

Desse modo, o negro recebe a “marca” do estigma, tendo sua cor de pele utilizada como o principal elemento de estigmatização. Goffman (1988) destaca que alguns estigmatizados lutam mais isoladamente em busca de superar o estigma, tornam-se representantes dessas minorias, defendendo-as, criando movimentos de protesto, tornando-se oradores e defensores da classe, principalmente como forma de vencer o estigma e contar com a adesão de outros estigmatizados como ele. Outros tendem a se superar profissionalmente na sua atividade, ofertando um atributo a sociedade que incorporado a sua identidade real, diminuem ou eliminem a segregação oriunda do seu estigma.

Santos (2007) afirma que é um direito de toda pessoa ser diferente quando a igualdade a descaracteriza e o direito de ser igual quando a diferença a inferioriza. A busca para atingir este patamar, deve de maneira obsessiva mover os anseios, até porque, do ponto de vista humano e biológico, tem-se uma mesma origem, o que vale dizer que o espaço vivencial deve ser permitido a todos, sem danos da interação entre as pessoas.

Aprendi desses eventos que a autoestima desempenha um papel tão grande no destino das nações quanto na vida dos indivíduos; que o ódio a si mesmo leva à necessidade de dominar ou ser dominado; que os cidadãos que se recusam a obedecer ao que não seja sua própria consciência podem transformar seus países; em suma, que a autoestima é a base de qualquer democracia verdadeira (STEINEM, 2003, p.6-7).

Quando se fala em uma identidade estereotipada atribuída ao negro, refere-se a algo forjado socialmente com intuito de inferiorizá-lo. Na sociedade brasileira, essa identidade foi formulada historicamente desde o período colonial, com base na inferiorização das diferenças impressas no corpo escravizado (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 108).

Alguns indivíduos do Movimento Negro chegam a falar que os negros que querem alisar o cabelo, na verdade querem tentar se embranquecer, porém ser negro é além, é consentir sua origem racial e ter uma atitude política. Quando se fala desta forma, é praticamente o mesmo ao dizer que quando um negro casa com um branco é porque quer se embranquecer, pois o negro que não quer aceitar um casamento inter-racial, trata-se de um racismo às avessas. Por isso que é preciso que a Consciência Negra necessite passar por uma revisão pelo movimento negro, pois é essencial que o negro se orgulhe de sua origem racial, vendo que a sua autoestima, é sua valorização (gostar do jeito que é e orgulhar-se de sua origem, história e cultura). Não tem como uma pessoa se autoconhecer, se ela não sabe nada de sua origem e cultura, conhecer essas questões é algo inadmissível para construção de uma identidade própria. A maneira que cada pessoa se olha, dependerá muito do olhar do outro para com ela (BENEDITO, 2018).

A liberdade de escolha está ligada a uma decisão (interior) de cada indivíduo contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente. Essa característica mais intrínseca, que é sua liberdade, está na base do constructo da autoestima, que tem a ver com uma decisão interior, que pode impedir até, por exemplo, de uma pessoa se transformar em mero objeto, das condições externas, tornando-se um prisioneiro típico de um campo de concentração (BENEDITO, 2018).

Segundo Souza (2002), contribuir para o desenvolvimento da autoimagem de uma pessoa negra é favorecer para que o sujeito percebe que ele tem a capacidade de ter uma vida com metas, objetivos capazes de serem realizados, sem a preocupação de como deve se apresentar perante a sociedade, buscando somente cumprir os padrões que a sociedade exige dele, sem uma criticidade e reflexão de si mesmo dentre desse contexto social. Os prejuízos negativos acumulado no decorrer dos anos, da história social, são fatores muito significativos que revelam as atuais adaptações e aspectos psicológico do negros, necessitando de ações que favoreçam o empoderamento desses autores sociais.

Assim, a autoimagem representa a figuração do corpo do homem formada em sua mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para si mesmo, envolvendo tanto imagem mental quanto percepção (SOUZA, 2002).

Zambon (2003) pontua que a autoestima e autoconceito são significativos prenunciadores da motivação bem como da saúde psicológica. O prazer e o contentamento na vida adulta, estão amplamente ligados à uma autoestima eminente na infância e na adolescência, ao mesmo tempo que uma baixa autoestima relaciona-se com ansiedade, depressão e uma dificuldade nas relações. Para Gray-Little e Hafdahl (2000), a autoestima compreende noções avaliativas do autoconceito, tornando-se abrangente a avaliação global de próprio valor. No período da puberdade, os traços relacionados à autoestima, com grande ênfase, podem-se dizer ser a beleza corpórea, em particular para as meninas, seguidamente do aceitação dos pares; os demais atributos vêm depois (COLE; COLE, 2003).

Em confronto entre grupos raciais, dois conceitos distinguem a autoestima individual: identidade étnica ou racial e estima racial. Identidade étnica é determinada por Jean Phinney (1996 *apud* Cole; Cole, 2003) como uma perspectiva intrínseca e indispensável do eu que contém o sentimento de pertencer em um determinado grupo étnico e de deter jeitos e ligações afetivas ao pertencimento. Tal definição de identidade diz respeito ao envolvimento e identificação com o grupo étnico, inserindo ainda como o sujeito caracteriza e livra-se dos impactos psicológicos do racismo. A estima racial é definida pela significação atribuída pelo grupo sobre ele mesmo (GRAY-LITTLE; HAFDAHL, 2000; BIANCHI et al., 2002).

De acordo com Souza (2002), autoestima significa gostar de si mesmo, apreciar-se de modo genuíno e realista. No entanto, não se trata de um excesso de valorização da própria pessoa, de arrogância ou egocentrismo; gosta-se daquilo que realmente é, aceitando suas habilidades e também suas limitações. Silva et. al. (2015) define de forma objetiva e simples que a autoestima é a estima por si própria, ou seja, é a pessoa gostar de si mesmo.

Este trabalho teve como finalidade, por meio de uma pesquisa de campo quantitativa, utilizando o instrumento metodológico de questionários, compreender a construção da identidade dos sujeitos afrodescendentes do município de Campos dos Goytacazes/RJ, realizando um levantamento de como esse processo histórico repercute na construção da identidade desses autores sociais, bem como na sua autoimagem e autoestima. Têm-se como

hipótese a existência de preconceitos raciais na atualidade e que tais movimentos prejudicam a autoestima e autoimagem dos jovens afrodescendentes. Os apontamentos deste estudo irão trazer à luz a importância da pessoa humana, sobretudo a aceitação da própria identidade como fonte de autenticidade, dialogando com a autoestima e autoimagem dos afrodescendentes.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa de campo usando a técnica quantitativa, com a aplicação de questionários, aprovado pelo Comitê de ética do ISECENSA sob o parecer nº 2.731.504. Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa foram jovens negros, de 18 a 29 anos, moradores no município de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa teve como objetivo observar a percepção de cada sujeito negro sobre sua autoestima, a sua auto descrição étnica, o seu sentimento perante sua etnia, os preconceitos que sofrem e os prejuízos diante da discriminação.

Os temas abordados nos questionários foram a identidade pessoal; a autoimagem; a autoestima; o reconhecimento de si mesmo; os possíveis preconceitos experienciados; as relações interpessoais com outras pessoas de raça e/ou cor diferente.

Foi selecionado uma equipe de alunos da Graduação de Psicologia do ISECENSA do 4º período da disciplina de Psicologia Social I, que contribuíram na aplicação dos questionários. Assim, os questionários foram aplicados em escolas privadas e públicas da cidade, bem como em instituições de nível superior públicas e privadas. Os alunos também visitaram projetos sociais direcionados ao público afrodescendentes, onde aproveitaram para aplicar o questionário.

Os dados coletados foram tabulados e, após, analisados pela técnica da análise de conteúdos. Todos os sujeitos da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram estudados a resposta dos 237 questionários aplicados aos sujeitos participantes da pesquisa do município de Campos dos Goytacazes-RJ. A Tabela 1 mostra as características sociodemográficas, onde 26% da amostra possui de 19 a 20 anos e 55% são do sexo masculino. No item escolaridade, aproximadamente 48% dos participantes possuem o nível de ensino superior incompleto.

Tabela 1: Características sociodemográficas das participantes da pesquisa (n=237), localizados no município de Campos dos Goytacazes-RJ.

Idade	
De 15 a 16 anos	46 (19%)
De 17 a 18 anos	51 (22%)
De 19 a 20 anos	61 (26%)
De 21 a 22 anos	46 (19%)
De 23 a 24 anos	33 (14%)

Sexo

Masculino	130 (55%)
Feminino	107 (45%)

Escolaridade

Ensino Fundamental incompleto	32 (13,50%)
Ensino Fundamental completo	66 (27,85%)
Ensino Superior incompleto	115 (48,52%)
Ensino Superior Completo	11 (4,64%)
Pós Graduação, Mestrado ou Doutorado	1 (0,42%)
Ensino Médio incompleto	9 (3,80%)
Ensino Médio completo	3 (1,27%)

Observou-se que aproximadamente 64% dos participantes se auto descreveram como pertencente a raça negra, 23% consideram-se morenos (as), 3% mulatos (as), 2% marrons, 1% amarelo (a) e 2% branco (a), conforme evidenciado na Figura 1.

Segundo Pinto e Ferreira (2014), a maneira como a pessoa se constitui no mundo, construindo a sua autoestima, autoimagem e sua maneira de existir, é fundamental para que se compreenda a categoria identidade.

Devido as repressões sofridas e por viverem em uma sociedade que demonstra a cada momento que o ideal é ser branco, muitos afrodescendentes acabam que entrando na negação, recusando quem de fato são, negando sua cor e se afastando de sua naturalidade.

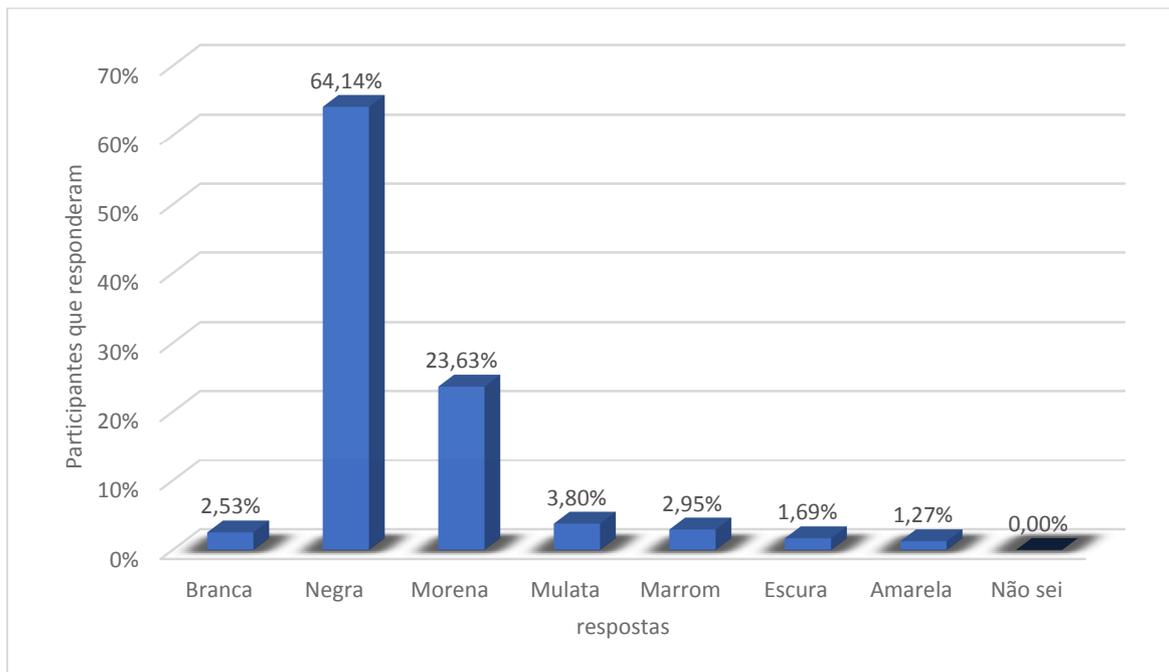


Figura 1: Auto descrição étnica considerada neste presente estudo.

A Figura 2 mostra que cerca de 40% dos participantes gostam de si mesmo, mas são afetados com o sofrimento que o preconceito causa, em contrapartida, 0,42% alega não gostar de ser afrodescendente. Ademais, 27% da amostra diz ter orgulho de serem afrodescendente, mas 12% constataram que ser negro já causou dificuldades em sua vida, e 3% alega que ainda causa nos dias de hoje. Aproximadamente 12% afirma que o fato de ser afrodescendente não fez diferença alguma em sua vida.

A identidade do afrodescendente sofre influência da maneira como é visto e tratado em seu meio social, que muitas vezes acaba sendo uma vivência negativa (PINTO; FERREIRA, 2014). A maioria dos dados da amostra evidenciada na Figura 2 alega que a discriminação provoca grandes dificuldades na vida do afrodescendente, e que sofre com as práticas preconceituosas em todos os âmbitos de sua vida. O fato de 0,42% da amostra afirmar não gostar de ser afrodescendente, já mostra uma grande e triste realidade da população de Campos dos Goytacazes, uma sociedade preconceituosa, discriminadora e repressora.

Para Silva (2007) a população branca como dominante é consequência de um Estado ideológico, pois é necessário reconhecer os processos de saturação que enaltecem um determinado grupo e desprezar outro, e criar propostas para a abolição desses processos.

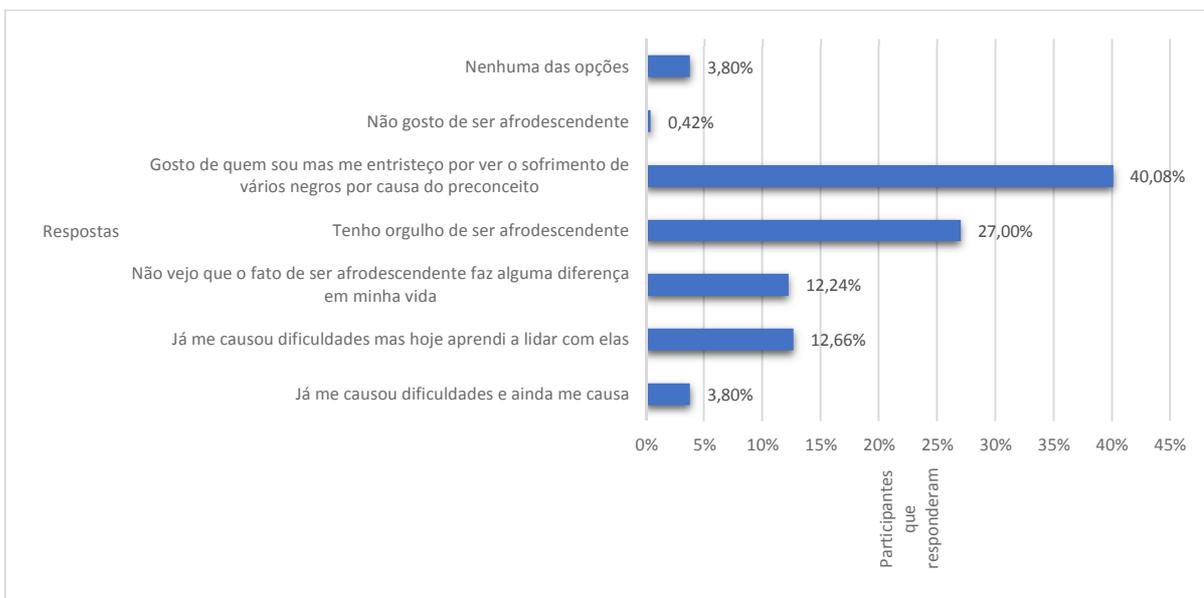


Figura 2: Sentimento perante sua etnia conforme os dados compilados neste estudo.

De acordo com a Figura 3, em torno de 27% afirmam que o aumento da visibilidade dos afrodescendentes na mídia tem como motivo o reconhecimento da beleza negra, 26% diz ser devido ao fato dos empresários perceberem uma forma promissora de mercado consumidor com a figura do negro, 21% alega ser um sinal da diminuição do preconceito no Brasil e 24% dos participantes declara não ser nenhuma das opções.

A televisão no Brasil existe desde 1950, e ainda nesta época, o papel do negro nas novelas era sempre como a de empregado ou escravo. Apenas em 1990, quarenta anos depois, pela primeira vez uma mulher negra desempenhou um papel de título na televisão.

A população negra é a maioria no Brasil, mas no que diz respeito às mídias, a população branca sempre foi a mais vista e a mais valorizada. De acordo com o IBGE (2014), os negros são 53,6% da população brasileira, e é preocupante pensar que apesar de ser a população preponderante, é a que menos tem visibilidade nas mídias.

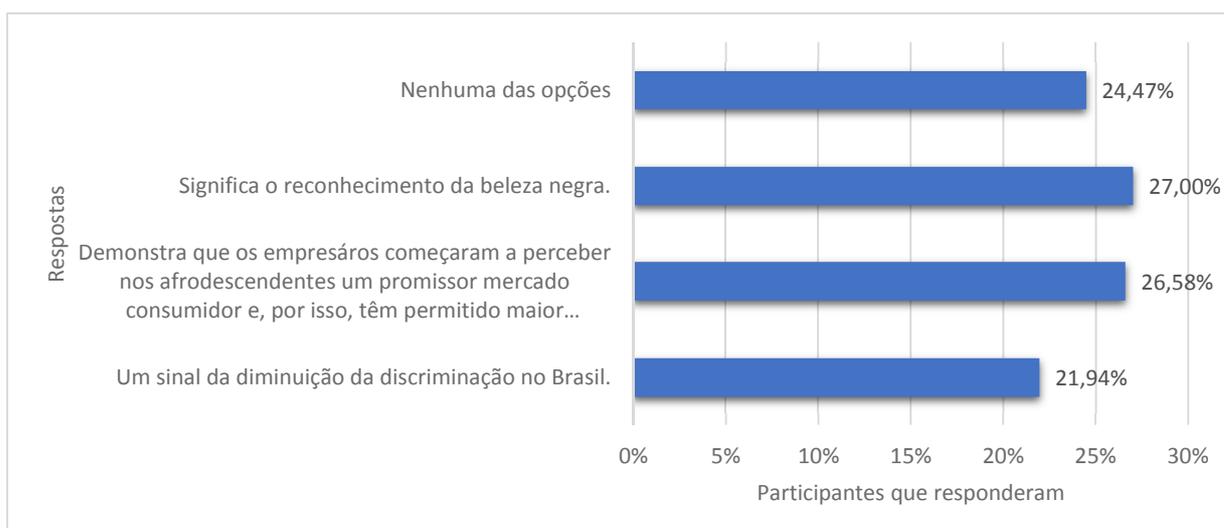


Figura 3: Aumento da visibilidade dos afrodescendentes na mídia.

A Figura 4 mostra que por volta de 48% dos participantes acreditam plenamente que existe preconceito entre os próprios afrodescendentes, 33% concordam parcialmente com este fato, 8% se encontram neutros, não concordando e nem discordando. Em contrapeso, 4% discorda plenamente que haja preconceito entre os negros, 3% discordam parcialmente e 1% alega nenhuma das opções.

O senso comum afirma que o branqueamento é uma atitude feita pelos negros contra os próprios negros, no qual buscam através de práticas como o alisamento de cabelo e a negação da própria cor e cultura (SILVA, 2007). Segundo este autor, o branqueamento é uma ideologia que consiste em extinguir a raça negra. Tal ideologia foi defendida por alguns importantes nomes, como Joaquim Nabuco, no qual era contra a escravidão mas defendia e lutava por uma sociedade embranquecida e afirmava que os negros eram inferiores aos brancos. Percebe-se nesse quadro a existência da violência estrutural, sendo uma violência de base, capaz de influenciar as condições de vida de uma pessoa (SOUSA et al., 2017).

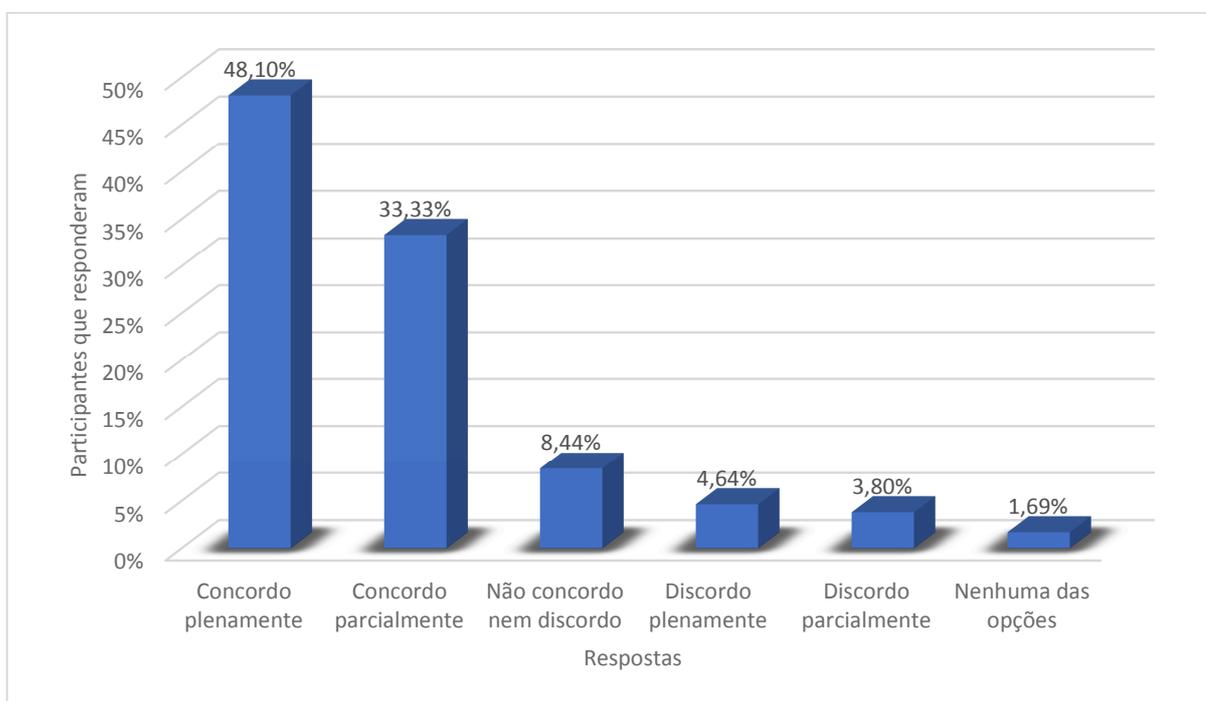


Figura 4: Preconceito entre os afrodescendentes pesquisados neste trabalho.

Como exposto na Figura 5, próximo de 29% da amostra alega concordar parcialmente que a discriminação provoca prejuízos na autoestima do afrodescendente, 24% concordam plenamente e 14% diz não concordar e não discordar. Em equivalência, aproximadamente 20% discorda plenamente que haja prejuízos na autoestima, 5% discorda parcialmente, repetindo a mesma porcentagem para os participantes que alegam não ser nenhuma das opções.

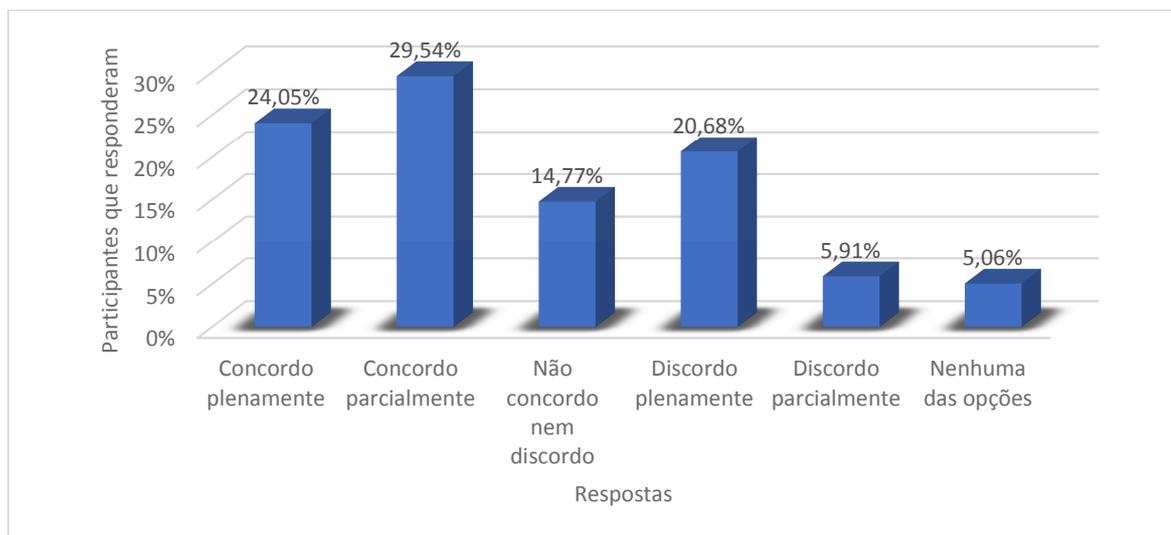


Figura 5: Prejuízos da discriminação na autoestima dos afrodescendentes pesquisados.

Analisou-se que cerca de 45% dos participantes nunca se sentiram inferiores devido sua etnia, já 24% se sente raramente e 22% possui esse sentimento algumas vezes. E, aproximadamente 6% alega se sentir inferior várias vezes e 1% se sente sempre (Figura 6).

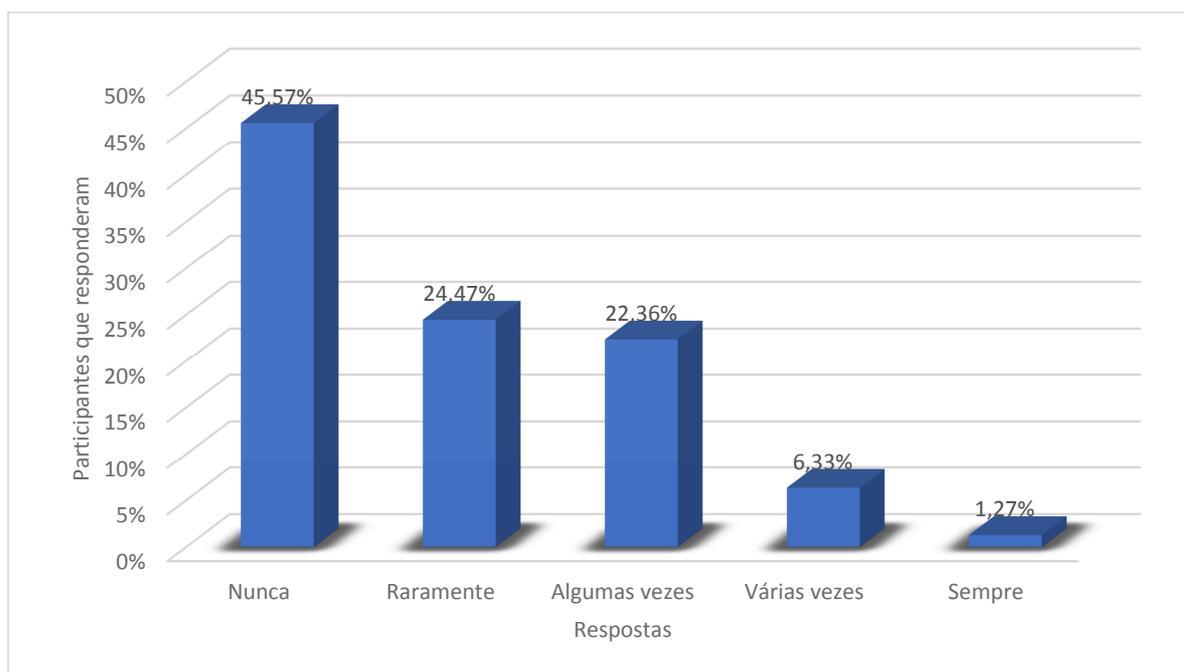


Figura 6: Sentimento de inferioridade perante a sua etnia.

Desse modo, a imagem de si é uma construção que acontece nas relações do sujeito com o mundo em que vive, com os outros, por de suas experiências pessoais e sociais. Assim, quando essas relações são atravessadas por discriminação, ações de diminuição do sujeito em relação a cultura, o sujeito que sofre tais ações de negação acaba construindo uma imagem negativa de si próprio (GUIMARÃES, 2010).

Segundo Muller e Nicolau (2015) a autoimagem se origina por meio dos pensamentos, que refletem a cultura social, as ações e as sentimentos, podendo originar uma autoimagem independente ou uma autoimagem interdependente. Autoimagem independente se define por

não depender do contexto social, sendo capaz de valorizar as características internas da pessoa, suas qualidades, sentimentos e pensamentos, dando valor a si mesmo. Enquanto a interdependente dá mais valor aos acontecimentos públicos, sendo o fator social capaz de formar a imagem que uma pessoa tem dela mesma.

4. CONCLUSÃO

Diante do estudo foi verificado que a autoestima é um aspecto muito importante para o desenvolvimento humano, seja na construção de suas características, quanto sua personalidade. Por isso, o seu não desenvolvimento pode ocasionar problemas que dificultarão as relações das pessoas consigo mesmas e com a sociedade.

Destaca-se que a socialização é um aspecto de suma importância para a construção da autoimagem e que a maneira como se percebe o olhar do outro e as informações que se recebe do ambiente poderão afetar direta ou indiretamente a construção da imagem que o indivíduo faz de si mesmo.

Quando se apresenta a autoestima como pauta de conversa, propõe-se exercitar o gostar de si mesmo, apreciar-se de modo realista, do modo que realmente se é; contudo quando se trata dos afrodescendentes, há um grande distanciamento dessa realidade.

A imagem que uma pessoa desenvolve de si mesmo implica comportamentos, por isso é fundamental que cada uma se dê conta dessa imagem, para que possa assumi-la em sua inteireza. A imagem de alguém não é algo imposto, a não ser que este escolha aceitar esta imposição, pois cada indivíduo é influenciado por inúmeras forças que atuam simultaneamente.

Como constatado a identidade é um processo que não possui um fim, que se expressa através da consciência da dissemelhança e da discrepância com o outro, ou seja, a identidade vai se dando a partir da relação que se tem com o outro, das relações sociais. Assim, a identidade é um fator de constante mobilidade e transformações, sendo um contínuo processo de construções e desconstruções subjetivas, resultante da interação entre a história pessoal e social. Por isso, argumenta que o aspecto identitário também é uma questão política. A coletividade é a grande produtora do modo de existir do ser humano e da sua forma de se enxergar.

Foi possível verificar que a identidade interfere fortemente na autoestima e na autoimagem dos sujeitos afrodescendentes, que tentam se adaptar aos padrões impostos pela sociedade como “normal”. Neste cenário, o papel da psicologia é mostrar auxílio àqueles que, em meio a tantos sofrimentos, não conseguem lidar com o seu eu de forma verdadeira e plena, por sofrerem influência do histórico social.

Pelo exposto, pode-se dizer que o negro tem um atravessamento social, que interfere diretamente em sua autoimagem. Outro fator que afeta essa questão, é a discriminação que torna o enfrentamento dessas realidades e a inclusão social cada vez mais difíceis. Na pesquisa realizada, os dados apontam que a população tem praticado cada vez mais atitudes preconceituosas, discriminadoras e repressoras para com os afrodescendentes. Foi constatado que a população negra sempre foi a maior, porém os brancos sempre foram os mais privilegiados em todos os aspectos.

Conclui-se que por meio do preconceito, da discriminação constituída no Brasil, há uma grande influência na autoestima e autoimagem dos negros, gerado também pela não identificação e representação na sociedade, pelo branqueamento, mas principalmente pelo sentimento de inferioridade.

A partir das fontes, consultas e respostas adquiridas em campo, pressupõe ter colaborado e esclarecido questões acerca da autoestima e autoimagem em especial no município de Campos dos Goytacazes/RJ, como também em amplo sentido, sendo assim mais um meio de desenvolvimento de pensamento crítico sobre o assunto.

5. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. A luta contra o racismo e a questão da identidade negra no Brasil. **Rev. Contemporânea**, v. 8, n. 1 p. 163-191, Jan./Jun. 2018, ISSN nº 2316-1329. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2316-1329.055>. Acesso em: 15 jul. 2019.

BENEDITO, M. S. **A relação entre psicologia e racismo**: as heranças da clínica psicológica. 2018. 107p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BIANCHI, F. T.; ZEA, M. C.; BELGRAVE, F. Z.; ECHEVERRY, J. J. Racial Identity and self-esteem among black brazilian men: Race matters in Brazil too! **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, v.8, n.2, p.157-169, 2002.

CANDAU, V.M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, V.M.; MOREIRA, A.F. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008. p.13-37.

COLE, M.; COLE, S. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Trad.: Magda França Lopes. 4.ed., Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERNANDES, V. B.; SOUZA, M.C.C.C. **Identidade negra entre exclusão e liberdade**, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

FERREIRA, B.; BEYRUTH, G.; SOUSA, P.; AZEVEDO, J. E.; ANDRADE, E. Percepções sobre a autoestima e autoimagem dos afrodescendentes do município de Campos dos Goytacazes. **Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas** - Anais do IV Seminário P&D PROVIC/PIBIC, I Encontro de Iniciação Científica CNPq, V. 09, Nº 25, Suplemento, 2019. Disponível em: https://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1831/1530. Acesso em: 22 set. 2019.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GRAY-LITTLE, B.; HAFDAHL A.R. Factors influencing racial comparisons of self-esteem: A quantitative review. **Psychological Bulletin**, v. 126, n. 1, p. 26-54, 2000.

GUIMARÃES, A.S.A. Como trabalhar “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.

GUIMARÃES, S.F. **A modificação da autoimagem**: da pessoa-critério à psicoterapia. Porto: Psicologia.pt, 2010. Disponível em: http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0297. Acesso em: 20 jul. 2019.

MAHEIRIE, K. (1994). **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

MARTINS, E.; SANTOS, A.O.; COLOSSO, M. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 118-133, 2013.

MOREIRA, Antônio Flávio (Org.); CANDAU, Maria (Org.). **Multiculturalismo**: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MULLER, R.F.; NICOLAU, A.C.A.S. **O racismo cordial e autoimagem**: um estudo sobre os efeitos na adolescência de jovens negras na Baixada Fluminense/RJ, 2015. Disponível em: <https://apl.unisum.edu.br/revistas/index.php/conexoespsi/article/download/585/546>. Acesso em 20 jul. 2019.

PINTO, M.C.C.; FERREIRA, R.F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 9, n. 2, p. 257-266, 2014.

SANTOS, B.S. Entrevista: Boaventura de Souza Santos. **Revista: Mosaico - Estudos em Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 77-78, 2007.

SCHUCMAN, L.V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, São paulo-SP, 2012. 122p.

SILVA, S.P.S.; MEDEIROS, J.L.; DELFINO, J.; MATIAS, E.F.; RIBEIRO, R.M.B. **A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem**. Campina Grande: Realize Editora, 2015.

SILVA, A. **Branqueamento e branquitude**: conceitos básicos na formação para a alteridades. Salvador: EDUFBA, 2007. 310p.

SILVA, D.A. **Para gostar de ser**: literatura negra, racismo e autoestima. 2000. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SOUSA, P.M.S, ALBERTO, L.M.M.D.V., SANTOS, M.C.C., CONSTANTINO, P. Percepções Sobre o Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes a Partir de Histórias de Vida. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**. v. 7, n. 20, p. 62-81, 2017. Disponível em: https://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1195/989. Acesso em: 21 jul. 2019.

SOUZA, M.A. **O cuidar da autoimagem e autoestima em mulheres idosas, visando a promoção da qualidade de vida com enfoque cultural**, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83848/185016.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 jul. 2019.

STEINEM, G. **A revolução interior**: um livro de Autoestima. São Paulo: Objetiva, 2003.

ZAMBON, M. **Uma comparação racial da autoestima e do autoconceito de adolescentes negros e brancos**. Monografia (Bacharel em Psicologia), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2003. 33p.